

ASSEMBLEIA MUNICIPAL
DE
CASTELO BRANCO



ATA Nº 4
SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

25/04/2023



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

ATA N.º. 4/2023

Aos vinte e cinco dias do mês de abril de dois mil e vinte três, pelas dez horas, no Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco, reuniu em Sessão Extraordinária a Assembleia Municipal de Castelo Branco, cuja mesa foi presidida pelo Presidente da Assembleia Municipal, Jorge Manuel Vieira Neves, pelo 1.º Secretário, Carlos Simão Martins Mingacho, e pela 2.ª Secretária, Sandra Maria Duarte Lucas, (em substituição de Celeste Nunes Rodrigues), com a seguinte ordem de trabalhos:

PERÍODO DA ORDEM DO DIA

“Comemorações do 25 de Abril”.

MEMBROS PRESENTES À SESSÃO

Jorge Manuel Vieira Neves, António Augusto Cabral Marques Fernandes, Carlos Manuel Silva Salgado (em substituição de Pedro Luís Ribeiro Crisóstomo, Carlos Manuel Freire Antunes, Carla Sofia Massano Lopes de Carvalho, Maria José Sobreira Rafael, Francisco Manuel Pombo Lopes, João Filipe Dias Ribeiro, Catarina Isabel Romão Proença (em substituição de Paulo Jorge Vaz Ramos de Almeida), Miguel Gregório Barroso, Ernesto Candeias Martins, Maria do Carmo Almeida Nunes, Christelle Varanda Domingos, Ana Cristina Marques Lourenço, Carlos Simão Martins Mingacho, Joaquim Manuel Faustino (em substituição Daniel António Guerreiro Almeida), Maria Cristina Vicente Pires Granada, Armando Lopes Ramalho, Maria da Conceição Martins Pereira, Adelina Maria Machado Martins, Milena Cristina da Silva Marques Santos, José Afonso Antunes Custódio, João Filipe Nunes Valente Neves, José Dias dos Santos Pires, José António Afonso Dâmaso, Pedro João Martins Serra, Jorge Manuel Ferreirinho Diogo, João José Louro Ramos, Sandra Maria Duarte Lucas, Luís Manuel de Andrade, João Filipe Tavares Goulão, José Carlos Ramos Dé, Maria de Fátima Gonçalves Marques (em substituição de Severino Miguel da Conceição Vaz), António Manuel Falcão Antunes, João Miguel Teles Baltazar, Ernestina Gens da Conceição Baptista Perquilhas, António Manuel Varanda Marcelino e Ana Sofia Santos Ramos Pereira.

MEMBROS AUSENTES À SESSÃO



-12.
D

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

Pedro Luís Ribeiro Crisóstomo, Nuno Miguel Correia Teixeira Maia, Celeste Nunes Rodrigues e Severino Miguel da Conceição Vaz.

PERÍODO DA ORDEM DO DIA

“Comemorações do 25 de Abril”.

Presidente da Assembleia Municipal (Jorge Manuel Vieira Neves) – 49 anos depois da Revolução do 25 de Abril, aqui estamos de novo a assinalar uma efeméride demasiado importante para que nos deixemos arrastar, e, ano após ano, permitamos a banalização de um acontecimento que mudou radical e decisivamente a nossa vida coletiva.

O 25 de abril tem vários ícones associados.

Talvez os mais usualmente falados, sejam a **democracia** e a **liberdade**.

Há ainda muito por fazer para termos o país que desejamos e merecemos.

A nossa democracia também tem problemas urgentes e desafios imperiosos.

A manutenção da liberdade e a construção de democracia são sempre tarefas inacabadas e nunca estão imunes às diferentes ameaças que cada vez mais fazem parte do nosso quotidiano.

A democracia deve ser encarada como um meio e não como um fim.

A democracia é o meio pelo qual o Estado vai tentar concretizar as aspirações de todos ao desenvolvimento, ao progresso, ao bem-estar nas suas diversas componentes.

O objetivo que se pretende, é atingir estes desideratos por métodos democráticos.

A democracia não é, pois, um valor intangível, é apenas um sistema político.

Não pode, nem deve ser considerada acima de valores inalienáveis como a pátria, a liberdade, o direito, a justiça ou a paz.

A democracia é passível de aperfeiçoamento constante; como disse um dia Winston Churchill, "**a democracia é o pior dos regimes, à exceção de todos os outros**".

A frase já foi tantas vezes citada que perdeu a originalidade, mas, ainda assim, continua a ser das melhores para usar na hora de defender as virtudes dos sistemas políticos

Quanto à liberdade...

O crescente domínio das redes sociais é inegável, bem como as suas vantagens.

No entanto, verifica-se que quem tem acesso a redes sociais, também parece ter uma liberdade de expressão quase «infundável» através do ecrã, onde aparentemente não existem consequências (pelo menos imediatas) sobre os conteúdos que se publicam.



15.
[Handwritten signature]

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

Esta situação significa a existência de uma ténue linha entre liberdade de expressão e conteúdo ofensivo, ameaçador ou nefasto, particularmente nesta era digital, quando a liberdade de expressão pode ser vista como permissão para disseminar desinformação prejudicial, intimidar outras pessoas ou até promover o ódio e a intolerância¹, que, tantas vezes, resultam em lamentáveis julgamentos sumários na praça pública, sem direito a defesa e sem sequer haver justiça a pronunciar-se.

- **Senhor Presidente da Câmara Municipal**
- **Minhas Senhoras e Meus Senhores**

Pela sua pertinência, permitam que partilhe convosco, em jeito de epílogo, um excerto de uma lúcida e atual reflexão com a qual concordo e até subscrevo.

Consta de um artigo que foi publicado no passado fim de semana na revista do Semanário Expresso.

O autor é o Prof. JOSÉ TAVARES, docente na NOVA School of Business and Economics.

Tem o título “Os últimos portugueses iguais a nós”.

Aqui é abordada a questão da geração mais nova que não viu o “antes”, nem “o durante”, nem “o imediatamente após o 25 de Abril”.

Entende o autor que aos 50 anos, é altura de libertar o 25 de abril do Estado Novo e amarrá-lo ao futuro.

Passo a citar:

Em Portugal, a “geração de Abril” está a desaparecer.

Todas as gerações estão a desaparecer - é inexorável - chama-se tempo.

No nosso caso, o próximo futuro trará protagonistas e figurantes diferentes.

O desaparecimento da geração de Abril será significativo e chega na esteira de um progressivo sentimento de cansaço, estagnação, até de tédio cívico.

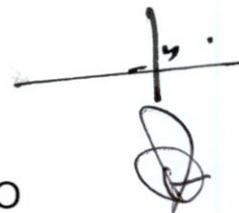
Por outro lado, a geração de portugueses que se perfila pode trazer à arena cívica nacional, novidades significativas.

Ou seja, podemos estar hoje na presença dos últimos portugueses iguais a nós.

Estamos a um ano dos 50 anos do 25 de Abril de 1974.

Entre o golpe de Estado de 1926 e a revolução de 1974 decorreu um intervalo de tempo menor do que o se interpõe entre 1974 e 2024, quando dos 50 anos do 25 de Abril.

Algumas das categorias, medos, amores e razões de 1974 estão irremediavelmente revestidos da patine pesada do tempo, que desfoca e mascara.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

Isso não nos deve impedir de olhar para trás e ultrapassar essa distância mental para relevar as mudanças e as constantes desde a revolução.

A metamorfose destes 50 anos é incomparável na nossa história.

Temos 50 anos de democracia atrás de nós, já é tempo de sermos crescidinhos e não adormecer ao som de sussurros e caricaturas.

A geração que se afirmou no 25 de Abril resiste a aceitar que o tempo passa e o mundo muda.

Resiste a receber a mensagem das grandes transformações que nos trarão os seus e os nossos filhos e netos.

A tentação do 25 de Abril para sempre, mas não para todos, tem de ser ultrapassada pela generosidade, pela ironia, pelo reconhecer os medos e as misérias que ultrapassámos juntos, antes e depois de Abril, ou uns contra outros.

O 25 de Abril só é para sempre se for o da melhoria contínua da governação e da transparência do poder.

Não falar abertamente sobre o antes e o depois de Abril é esquecer Abril.

Uma história do Estado Novo que vive de caricaturas, e um sobrevoo míope pelo pós- 25 de Abril não são formas de defender Abril, são formas de o anestesiar, eutanasiar, silenciar.

São contributos para um dia nos surpreendermos a comemorar Abril rodeados de elites cansadas, a discursar banalidades parapoéticas, em cortejos paramilitares, na Avenida da Liberdade.

Aos 50 anos é altura de libertar o 25 de Abril do Estado Novo e amarrá-lo ao futuro.

Para mudar de passado é preciso empenho e esforço, para mudar de futuro é preciso um milagre.

Mas nós ainda nem sequer o tentámos verdadeiramente (...) quando nessa tentativa e erro pode estar a força anímica de um país novo.

Os 50 anos de vivência em liberdade, livres de qualquer opressão política, interna ou externa, são tempo suficiente para que percebamos como o lugar mental do nosso destino se alterou.

Impõe-se uma revisitação simbólica, 50 anos depois, que é como quem diz 48 mais dois, do tanto de labirinto e de saudade que desapareceu, se me-ta-mor-fo-se ou, ou que, inexplicavelmente, sobrevive.

Falta um ano para os 50 anos de Abril.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

Vem aí um Portugal diferente, fruto da passagem do tempo e do inexorável advento das novas gerações.

Saibamos falar sobre esse Portugal futuro o suficiente para fazer dele também um Portugal melhor.

A um ano dos 50 anos de Abril, ainda vamos a tempo de mudar de rumo, discutir as esperanças e as violências, as novidades, a redenção e o desvario, agora num círculo de amigos.

(...)

Só essa conversa de amigos, só essa amizade, fará com que o 25 de Abril seja, finalmente, para sempre.

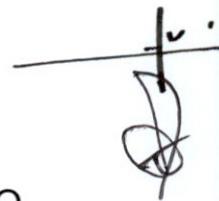
Com esta longa, mas pertinente citação, termino.

Obrigado pela V. atenção.

- Tentemos honrar a liberdade.
- Saibamos dignificar a democracia
- Saudemos o 25 de Abril.

Disse!

Ernesto Candeias Martins (MPT) - Celebrar Abril e a Democracia é um motivo de grande regozijo, pessoal que acompanhei como jovem atento ao deslumbrar da liberdade e dos valores democráticos sendo, por isso, uma grande honra estar hoje aqui nesta cerimónia das Comemorações do 49º aniversário do 25 de Abril. É o dia simbólico em que, do ponto de vista da genealogia cronológica, deixamos para trás um histórico período de Ditadura e de défice, ajustando contas com os dias do passado ditatorial. A Democracia portuguesa suplanta, por fim, a duração de 48 anos de Ditadura. Acima de tudo celebramos a liberdade, que é um pilar essencial da democracia, com os valores fundamentais como a vida, liberdade, respeito, igualdade, justiça, etc. A liberdade é responsabilidade. Numa Democracia plena deve existir liberdade de expressão; a liberdade que nos concede o direito de dizer aos outros o que eles não concordam discordando daquilo que nós pensamos; e também dizer àqueles que concordam o que pensamos e o que sentimos. Porém neste exercício político e de legitimidade da liberdade, deve estar presente a responsabilidade. Cada um tem de assumir a responsabilidade daquilo que diz e daquilo que faz em nome da liberdade. E deve respeitar o outro, que pensa diferente. Nem sempre acontece e vemos que aqueles que falam e escrevem em total liberdade, por vezes, não possuem o mínimo sentido de responsabilidade e de respeito pelos outros



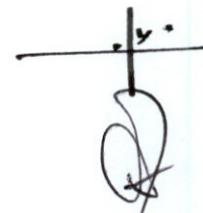
ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

A evocação que hoje fazemos da Revolução de Abril deve relembrar outras iniciativas no Estado Novo, de muitos jovens, trabalhadores e cidadãos, na partilha com esta celebração da democracia, da liberdade e da emancipação dos cidadãos com a aurora do dia 25 de abril. Um desses exemplos de manifestações contra o regime de Salazar foi a crise académica de 1962, com a revolta dos estudantes, que foi duramente reprimida pela Ditadura. Esta revolta deixou um lastro de contestação estudantil ao regime ditatorial, apoiada pelas forças de oposição na época e que ecoaria até à véspera de 1974, continuando, inclusive, no imaginário de referência estudantil das gerações seguintes. A ‘Revolução dos cravos’ não foi apenas um evento local, mas a sua ressonância transcendeu amplamente os confins nacionais. Por um lado, a nível europeu, a revolução foi imediatamente olhada com muito interesse e esperança pelos vários grupos e partidos.

De facto, o golpe de Estado de 25 de Abril de 1974 desencadeado pelo Movimento das Forças Armadas (MFA), através do qual Portugal se libertou, em menos de vinte e quatro horas, de um regime autoritário em vigor e que inaugurou, a nível internacional, aquela que seria definida como a ‘terceira vaga’ do processo de democratização. E foi mesmo desta terceira vaga – que inclui, além de Portugal, Espanha e Grécia – que nasceu aquela área da ciência política que passou a ser chamada *‘transitologia’*. Nas palavras de um dos seus fundadores, Philippe Schmitter, *‘A pretensão desta neo e, talvez, pseudociência é de poder explicar e, possivelmente, conduzir o caminho de um regime a um outro ou ainda, de forma mais específica neste contexto, de algum tipo de autocracia a algum tipo de democracia’*.

No dia em que começámos a (re)construir um País melhor na base das liberdades, dos valores democráticos, de um novo modelo de sociedade, de novas instituições políticas, mas também um novo modelo de inserção internacional, de acordo com o processo de democratização.

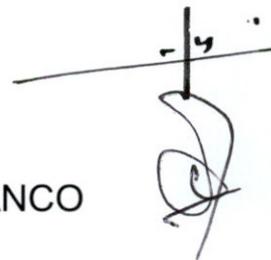
Volvidos 49 anos da Revolução de Abril, é possível constatar o caminho que foi feito, os progressos, muitas vezes discutidos e discutíveis em certas áreas ou setores, mas sobretudo destacamos os muitos direitos políticos, económicos, sociais e culturais que passaram para o texto constitucional, para a legislação e para a vida quotidiana dos portugueses. Os progressos também são visíveis nos níveis de desigualdade e em muitas questões sociais. O caminho positivo neste combate às desigualdades, essencial para cumprimos o nosso potencial de crescimento, não pode, no entanto, contentar-nos, devendo antes estimular-nos a fazer mais e melhor, pois ainda somos um dos países com muitos défices e desigualdades na União Europeia.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

Mas, Abril deu-nos futuro, a reflexão sobre o futuro. Um futuro de esperança numa vida melhor para todos, no muito que há ainda por cumprir, numa democracia com mais qualidade e participativa. Um futuro que encare os desafios estratégicos de médio e longo prazo com determinação e eficácia, mas nem por isso menos urgentes (combate às alterações climáticas, desertificação, a água/recursos hídricos, as energias renováveis, o emprego/empregabilidade, num lugar cimeiro), e para os quais é preciso estabelecer consensos sólidos e duradouros. Um Portugal para o séc. XXI.

Comemorar Abril significa acreditar no futuro e não embarcar em desânimos. E se há alturas em que faz mais sentido apelar aos sentimentos que fizeram o 25 de Abril, este é o momento. Comemorar Abril é isto mesmo. É ter esperança, é querer mais e melhor, mas é também reconhecer o que foi feito. É saber de onde se parte e para onde se quer seguir! Não dizer mal de tudo e de todos. Compreender os cidadãos e o seu futuro, em que todos estejamos empenhados e convocados e, em particular, os mais jovens, pois a nossa juventude tem, hoje, os desafios próprios do tempo em que vive, mas cuja voz e ação nem sempre é suficientemente audível e compreendida no espaço público. Não porque os jovens sejam politicamente menos participativos ou mais passivos do que as gerações anteriores. Esta é uma ideia veiculada, que tem o risco de parecer verosímil, mas que anda muito longe da realidade, como demonstram vários estudos entre eles o da FCG. Os jovens participam e interessam-se por política, tanto ou mais do que a restante população. É óbvio que é uma participação menos institucional, de cariz mais cívico, que privilegia vários temas, preocupações e problemas que eles vivem. Neste tipo de participação, os jovens portugueses têm, aliás, contribuído para nos aproximarmos da média europeia, mas esse perfil de participação nas questões locais (municipais) e na política em geral, devem merecer-nos alguma reflexão, poiso, muitos jovens parecem mostrar-se menos inclinados do que os seus pais e avós para a participação política mais convencional. Esta forma de participação é fundamental, de modo, que as suas preocupações estejam mais presentes, sejam mais representadas na vida municipal, na política nacional e na sua agenda de preocupações geracionais. Isto representa um desafio para os tempos vindouros, em particular para os responsáveis municipais e políticos nacionais, interpelando-os, a meu ver, em dois sentidos: Através do esforço criativo e empreendedor para se encontrarem formas de estímulo a sua participação; Através de mais apoios aos seus projetos de vida e às suas prioridades, numa maior atenção e articulação com os representantes políticos e governantes nessas preocupações. Nestes dois planos, urge imaginação, reflexão e ação, importando aprofundar as causas do afastamento dos jovens (também de muitos cidadãos) relativamente à participação mais



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

institucional e na procura de inspiração nas propostas da sociedade civil ou nas experiências dos vários países que se deparam com os mesmos desafios. O futuro de Abril não se faz sem os jovens, cujo típico inconformismo, agora como então, é fundamental para a vida nacional.

Finalmente o nosso concelho e o poder autárquico, o 25 de Abril é a causa e razão de ser do estarmos aqui. O poder local democrático é aquele que está mais perto dos cidadãos. Especialmente é em nome dele que aqui nos sentamos e perante os eleitores e cidadãos respondemos. Durante a campanha eleitoral para as últimas eleições autárquicas, tive o grato prazer de percorrer as freguesias e lugares do nosso concelho e, não vi a alegria do viver que o 25 de Abril de 1974 nos deu: muitos problemas e necessidades. Deparei-me dificuldades económicas e sociais, falta de infraestruturas e planeamento, vi em muitos sítios um povo esquecido pelos políticos que estes ajudaram a eleger. O Movimento Castelo Branco Merece Mais elencado no MPT é um movimento de cidadania, no Amor a esta Terra, em ser a sua voz de indignação e pelo comodismo, em dar esperança às pessoas. Muitas das nossas ideias espelham esses anseios para o concelho, sabendo que incomodam quem afirma e pouco faz, quem nada sabe fazer e quem depressa tem arte e engenho para se apoderar da riqueza dos projetos alheios... Mas aqui estamos para com os valores de Abril sermos esse inconformismo cidadão, ao nível local de podermos contribuir para um concelho melhor através do: Lutar por uma verdadeira igualdade social; Lutar pela responsabilização dos políticos e contra o favorecimento político e jogos de poder, que desprestigiam e corrompem; Lutar pela transparência e lealdade nas funções exercidas politicamente; Lutar pela implantação de projetos de empreendedorismo e desenvolvimento sustentável; Lutar contra a falta de apoio económico às instituições sociais, culturais, desportivas, recreativas que continuam arduamente a ajudar os que lhe são mais próximos, quiçá com tantos sacrifícios; Lutar por melhores condições das populações do concelho. A força forja-se na luta, a firmeza no combate pelos princípios, a coragem no enfrentar às adversidades e às crises. Medimos os desafios a enfrentar e sentimos a impaciência acumulada nos anos passados que sobre nós assolou a pandemia e crise económica e energética. Mas não tememos os riscos, nem receamos a esperança. A força forja-se na luta, a firmeza no combate pelos princípios, a coragem no enfrentar dos problemas.

Comemorar Abril é lutar, mas é luta pelo que Abril é e foi e não por aquilo em que o querem tornar os que anseiam o regresso ao passado ou algo parecido

Minhas Senhoras e Meus Senhores,



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

Na verdade, o 25 de Abril de 1974, para além de uma data que hoje comemoramos, é ainda uma revolução inacabada, continua a ser uma porta que se fecha e uma janela que se abre ... e o interior do país tem sentido isso. Porquê relembrar Abril para que não nos calemos pois nascemos a gritar ... a gritar pelo cumprimento dos seus valores. É verdade que atualmente, como antes do 25 de Abril, há quem considere o povo português despolitizado, apático e conformado. Mas a verdade é que, apesar de tantas dificuldades, não deixou cair os braços, não deixemos cair os braços. Temos os olhos na Revolução de Abril cujas marcas e valores são sementes de futuro.

É certo que vivemos num ambiente de grande incerteza mundial, do após pandemia COVID-19 com sequelas por debelar, uma grave crise internacional, na sequência da guerra na Ucrânia, em violação do direito internacional e dos mais elementares direitos deste povo, problemas económicos e movimentos sociais, entre muitos eventos de grande magnitude, cujas consequências – políticas, sociais e económicos, sentimos e sentiremos por muitos anos nas nossas sociedades. A estas mazelas acrescentámos os problemas do desemprego e dos salários da classe trabalhadora perante o PIB per capita, problemas da seca e da desertificação, dos incêndios e falta de uma política de florestação eficaz no interior, da habitação social, da formação especializada e falta de expectativas de empregabilidade para os jovens, a falta de uma política sobre as energias renováveis para próximas décadas, os problemas da água e/ou dos recursos hídricos, etc. Não nos admiremos que essas crises configuram e mobilizam, para tantas pessoas, momentos difíceis de luta por uma vida digna e para muitos de sobrevivência.

Não obstante, esses momentos de crise e de indefinição podem trazer ao de cima o melhor de nós enquanto seres políticos e sociais. E têm sido muitos os exemplos de solidariedade a que assistimos na resposta a estas crises, tanto ao nível individual, como coletivo, institucional, nível local ou nacional.

Efetivamente, em Abril de 1974 materializou-se todo um processo que, laboriosa e astutamente, um conjunto de jovens capitães decidiu pôr em marcha. Juntando o inconformismo à coragem e à capacidade organizativa e de liderança, esses capitães foram capazes de levar a cabo o mais importante dos projetos: dar paz (porque acabaram com a guerra colonial) e liberdade (porque implantaram a democracia parlamentar) ao povo português. Nesse sentido, o empreendedorismo de Abril é o pai de todos os outros que se seguiram.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

Muitos queixam-se que Portugal ainda não cumpriu Abril. Uns queixaram-se logo em novembro de 1975. Outros queixam-se, hoje, face ao beco (sem saída?) a que a crise nos conduz. Não é demais salientar a entrega incondicional dos profissionais de saúde no período pandémica ao pronto e generoso apoio aos refugiados da Ucrânia, são incontáveis os casos de entreatada e solidariedade que nos devem inspirar a fazer melhor no futuro. E escolho enfatizar isto porque considero que a solidariedade é um dos projetos mais ambiciosos de Abril, por onde passa muito do chão comum que nos une enquanto portugueses, europeus e cidadãos do mundo.

Na verdade, a democracia é um jogo que requer um largo tempo de aprendizagem. Aquilo que, hoje, funciona mal na nossa democracia tem essencialmente a ver com vícios criados contra os valores e símbolos democráticos, a deturpação do que deve ser a cidadania ativa, participativa e democrática, a tendência à corrupção, ao amiguismo ou favoritismo, o anacronismo de certas instituições ou a falta de espírito crítico e empreendedor são muitas das consequências que emperram o ritmo democrático. Ou seja, a única coisa de que poderíamos acusar os capitães de Abril é o facto de não terem sido empreendedores mais cedo. Se, por exemplo, o 25 de Abril tivesse ocorrido em 1958, Humberto Delgado com o seu mandatário nacional de Campanha o albacastrense Professor Francisco Vieira de Almeida, talvez tivesse ganho as eleições presidenciais desse ano, tudo teria sido diferente e Portugal seria hoje, provavelmente, um melhor país.

De facto, vivemos um tempo em que os sonhos do passado parecem ter desaparecido. Mas não podemos perder a ambição de um tempo melhor. Está nas nossas mãos, nos cidadãos realizar os sonhos, reinventar a esperança, e só a nós competirá fazê-lo. Hoje mesmo, no imediato, temos de acreditar que é possível o progresso do país e do nosso concelho insistindo nas estratégias e nos planos de desenvolvimento sustentável para que vivamos melhor.

Homenagear o 25 de Abril e àqueles que o fizeram é, acima de tudo, ter confiança na maturidade cívica dos Portugueses, respeitar os princípios da democracia e as opções esclarecidas feitas em liberdade. Existem motivos redobrados para celebrarmos hoje as esperanças de Abril. A esperança de um tempo melhor tem sempre de existir sempre. Porque é dessa esperança coletiva que se afirma, perante o mundo, a dignidade de uma nação com muitos séculos de História, dignidade de que não prescindimos perante a memória dos nossos antepassados e o exemplo que queremos legar às gerações futuras.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

É com emoção que recordo todos os heróis de Abril, os que lutaram contra a Ditadura e especialmente os albicastrense (Jaime Carvalhão Duarte; Francisco Vieira de Almeida), todos os que, dos mais aos menos conhecidos, contribuíram para que fosse possível a revolução, os que a planearam e executaram, os que a consolidaram, bem como, em geral, todos aqueles que têm mantido vivo a chama e espírito de Abril ao longo destes anos. Muitos já partiram, sendo impossível nomeá-los a todos e injusto fazê-lo apenas para alguns relembremos com saudade os seus esforço e contributos, mas especialmente o seu exemplo que deve continuar a ser a nossa orientação na frágua da sociedade democrática em que vivemos. Que a chama de Abril perdure não só na memória e no espírito, nas nossas ações diárias no esforço e dedicação de uma sociedade portuguesa melhor e para todos.

Viva o 25 de Abril! Viva a Democracia e os valores democráticos!

Viva Castelo Branco e o seu Concelho. Viva Portugal!

Miguel Gregório Barroso (Representante do PSD/CDS/PPM) - Hoje comemoramos um dia histórico que marcou o início de uma nova era para Portugal e para o povo português.

A 25 de abril de 1974, os capitães de abril corporizaram a efervescência dos portugueses, num movimento político e social que depôs o regime ditatorial do Estado Novo.

Seguiu-se um período de grande agitação social, política e militar, marcado por manifestações, ocupações, governos provisórios, nacionalizações e confrontos militares que terminaram com o 25 de novembro de 1975. Esta data ditou o fim da revolução portuguesa e a normalização democrática do país. Para esta estabilização contribuiu decisivamente um homem, que viria ser o 1º Presidente da República Portuguesa democraticamente eleito, o Alcinense, Presidente António Ramalho Eanes.

Minhas Senhoras e meus Senhores, há 49 anos, neste mesmo dia, conquistamos a liberdade e a democracia que permitiu ao povo português concretizar um país sonhado.

Por isso mesmo, as comemorações do 25 de abril são, acima de tudo, um singelo, mas penhorado bem-haja a tantos quantos resistiram e lutaram contra um regime ditatorial e, naquele dia, devolveram ao povo português a condução do seu próprio destino.

A coragem dessa geração permitiu-nos avanços inquestionáveis. A igualdade de direitos entre homens e mulheres, o Estado Social, o Sistema Educativo, a independência da Justiça, o Serviço Nacional de Saúde e a consagração de Portugal como país Europeu e aberto ao Mundo são algumas das conquistas que hoje celebramos.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

Mas a democracia não se funda numa data, concretiza-se dia após dia. Se somos hoje uma democracia madura, um país seguro e pacífico, uma sociedade coesa e aberta ao outro, devemos-lo a muitos:

Devemo-lo às nossas Forças Armadas, garante da Independência, da soberania, da Integridade e Unidade da nossa pátria.

Devemo-lo aos médicos, enfermeiros e auxiliares, aqui representados, que no Serviço Nacional de Saúde, no setor privado e social prestam, de forma heroica, cuidados de saúde aos portugueses que deles necessitam.

Devemo-lo às Forças de Segurança e às entidades de Proteção Civil, aqui representadas, que com coragem e sentido de missão garantem a segurança interna, a defesa dos direitos dos cidadãos e a normalidade social.

Devemo-lo aos Professores e funcionários do Sistema Educativo e das Instituições de Ensino Superior, aqui representadas, essenciais na preparação dos jovens do presente para assegurar gerações ganhadoras no futuro.

Devemo-lo às entidades religiosas, aqui representadas, que cuidam da fé e desempenham um importante papel social.

Devemo-lo aos empresários e aos empreendedores, aqui representados, que com ambição criam riqueza, emprego e dinâmica no País e na nossa região.

Devemo-lo aos órgãos de comunicação social, aqui presentes, que com independência, cumprem o imprescindível papel de informar.

Devemo-lo, sobretudo, à ambição, à convicção e ao inconformismo de cada um de nós.

Senhor Presidente da Assembleia Municipal, minhas Senhoras e meus Senhores, faço parte de uma geração que não viveu a ditadura. Uma geração que nasceu e cresceu em liberdade. Mas isso não diminui a nossa convicção. Sabemos bem que não há, no mundo, sensação melhor que a de ser livre.

Não prescindimos, por isso, de defender a liberdade! Sabemos que não a podemos dar por garantida, a realidade faz questão de nos lembrar isso mesmo.

A Democracia é, sabemo-lo todos, imperfeita; uma obra em permanente construção. Por isso, celebrar o 25 de abril é também observar os sinais de alerta, analisar o que não está bem, assumir o que falta realizar.

Nos últimos 10 anos, formaram-se no Mundo menos democracias do que as que foram perdidas. O contexto europeu e internacional é hoje particularmente dramático, em resultado da



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

guerra desencadeada pela Rússia contra a Ucrânia, que constitui a maior ameaça, em décadas, à segurança Europeia e, conseqüentemente, à paz mundial. Ela entra nas nossas casas, toca as nossas vidas e muda o nosso dia-a-dia.

O surgimento de movimentos populistas, iliberais, extremistas e até antidemocráticos, em Portugal, na Europa e no Mundo, que alimentam divisões entre o nós e o eles, semeiam o ódio e a discórdia, corrói as democracias.

Há, nos Portugueses, um sentimento de descrença. O aumento da taxa de abstenção nos consecutivos atos eleitorais é um dos mais evidentes sinais dessa realidade.

A melhor resposta a estas ameaças é continuar a concretizar os valores de abril. Ouvir mais as pessoas e provar que o regime democrático pode dar resposta aos seus problemas e concretizar as suas ambições. É isso que o povo português espera e reclama de cada responsável político: que faça mais e melhor.

Senhor Presidente da Assembleia Municipal, minhas Senhoras e meus Senhores, nesta sessão comemorativa quero destacar dois desígnios nacionais que estão por cumprir.

Primeiro: igualdade de oportunidades para todos os cidadãos. Queremos um país onde o nosso sucesso não depende de quem somos ou de onde vimos, mas que resulta sim do nosso mérito e do nosso esforço. Um país onde a mobilidade social funciona. Em Portugal, as famílias pobres demoram cinco gerações a ser da classe média, três em cada quatro jovens ganha menos de 950€ líquidos, por mês. 57% não se consegue emancipar e mora em casa dos pais ou de familiares para lá dos 30 anos. E um jovem que nasce no Interior continua a não ter as mesmas oportunidades que um jovem que nasce no litoral. Aqui, em Castelo branco, as oportunidades de emprego qualificado e bem remunerado são escassas. Comprar ou arrendar casa própria é, para muitos de nós, um sonho que não passa disso mesmo. A igualdade de oportunidades faz-se do acesso a uma educação de qualidade, de políticas públicas que promovem o emprego, o acesso a habitação, o combate à pobreza e à exclusão social.

Segundo: a Coesão Territorial. Queremos um país por inteiro, não a duas velocidades. Aqui, no interior do país, também temos direito a cuidados de saúde de qualidade e em tempo razoável. Aqui também temos direito a grandes investimentos públicos, importantes para o nosso desenvolvimento. Ambicionamos um Interior competitivo, desenvolvido, com uma agricultura em expansão, com uma indústria consolidada, com inovação nas empresas, com conhecimento nas universidades, porque isso é bom para Portugal.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

Caros Albicastrenses, a atividade política não pode ser uma arena de combate onde uns têm que perder para outros ganharem. As grandes reformas, as grandes transformações não se fazem de divisões. Não pensamos todos da mesma forma, mas estou certo de que todos temos o mesmo objetivo: o desenvolvimento do nosso Concelho e do nosso País.

O PSD, enquanto partido fundador da democracia Portuguesa, está e estará sempre empenhado em construir pontes e abrir espaço para consensos e avanços.

Viva o 25 de abril!

Viva a Liberdade!

Viva Castelo Branco!

Viva Portugal!

João Filipe Dias Ribeiro (Representante do CHEGA) – Senhor. Presidente da Assembleia Municipal, restantes membros da Mesa, Sr. Presidente da Câmara, Sr^{as} e Sr^{os} Vereadores. Sr^{as} e Sr^{os} deputados municipais. Sr^{as} e Sr^{os} Presidentes de Junta e União de Freguesias, entidades políticas, civis, polícias e militares que nos honram com a vossa presença, Comunicação Social, Público, Albicastrenses.

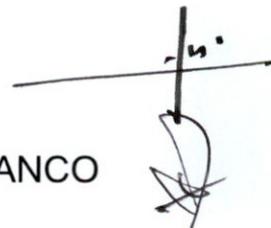
Hoje 25 de Abril decorre 49 anos da data da revolução dos cravos. Entendemos que esse momento marcante da história de Portugal trouxe inegáveis modificações à nossa sociedade, nomeadamente quanto à implementação da democracia representativa, liberdade de imprensa e liberdade de expressão.

A mudança de regime político ocorrida em 1974, por sua vez, suscitou uma maior aproximação às instituições europeias que culminou com a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia em Junho de 1985.

É também de realçar que a abertura democrática trouxe mais direitos às mulheres nomeadamente na universalidade do acesso à educação e na emancipação das mesmas face aos seus progenitores ou maridos.

Após todos estes anos de regime democrático importa perceber se as conquistas de Abril se traduziram numa melhoria significativa para o Povo português.

O processo de descolonização de 1975 foi e continua a ser uma ferida aberta na sociedade portuguesa porque os combatentes do ultramar, os retornados, e os portugueses nativos das



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

províncias ultramarinas ainda sofrem com a falta de reconhecimento do seu esforço na defesa dos territórios de Portugal e quase todos se sentem defraudados, enganados, esquecidos.

O Partido Chega não esquece nenhum!

É um facto que a censura presente no antigo regime, com a revolução, no seu plano mais formal, foi, e bem, erradicada. No entanto, assistimos hoje em Portugal a um controle da liberdade de expressão, seja nas Leis feitas à medida para condicionar a mesma, seja pelas “pressões partidárias” feitas sobre as redações da imprensa, seja ainda através das entidades financiadas pelo Estado Socialista para estipular o que se pode ou não dizer, escrever, propagandear.

Estes montaram estruturas com quadros escolhidos no aparelho partidário, pagos a expensas dos contribuintes para monitorizar, e muitas das vezes perseguir, quem não alinha no discurso dito “politicamente correto”, formula encontrada pelo fanatismo de esquerda e extrema-esquerda para estatuírem o seu condicionamento político.

O que são dados objetivos é que mesmo enfrentando uma guerra colonial em várias frentes, Portugal, de 1961 até 1973 cresceu em média 5,54% e desde 1974 até hoje apenas cresceu em média apenas 2% apesar dos sucessivos fundos de coesão e programas diversos europeus que têm financiado inúmeros projetos do País nas últimas décadas.

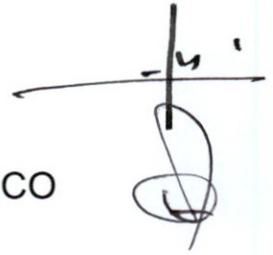
No índice de desenvolvimento humano ocupamos hoje a 38 posição no ranking mundial quando, à data do 25 de Abril de 1974, éramos o 23º País do Mundo.

A taxa de fecundidade das mulheres portuguesas tem vindo a descer de forma abrupta sobretudo nas últimas duas décadas e é hoje cerca de metade do que era em 1973.

Quanto à corrupção ou índice da perceção da corrupção, Portugal aparece em 33º lugar no ranking mundial, sendo que a corrupção não era tolerada nem se conhecem episódios antes do regime democrático. Poderemos estimar que infelizmente, por via dos sucessivos escândalos com que diariamente somos confrontados, com este desgoverno socialista, possamos ainda baixar mais no índice de perceção da corrupção.

Na educação, saúde, defesa nacional e segurança pública, as carências são cada vez maiores.

Assistimos todos a uma total revolta e desmotivação, sendo notórias e visíveis as dificuldades do País para manter estes sectores a funcionar.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

As reformas, os 30 dias para o subsídio de férias, o salário mínimo nacional são de facto, conquistas de Abril, mas o poder de compra dos portugueses é cada vez menor e têm aumentado o número de pobres no nosso País, sem que se vislumbre qualquer alteração do paradigma ou expectativas de os nossos jovens conseguirem subir no elevador social.

Vivemos hoje um fenómeno muitíssimo preocupante quanto à habitação que também tem uma das suas causas a vinda descontrolada de migrantes económicos que colocam imensa pressão no mercado de arrendamento para as famílias portuguesas.

As autarquias locais também viram um grande incremento das suas competências, mas estão fortemente endividadas e muitas não conseguem cumprir com eficácia as suas atribuições.

Quanto à dívida pública e ao impacto desta na gestão das finanças públicas, Portugal tinha em 1974 um record histórico de apenas 13,58% do PIB, mas em 2022, com quase 50 anos de regime democrático, estava num absurdo registo de 114,7% do PIB, absolutamente insustentável, que condiciona o investimento para as gerações futuras e é revelador da faceta mais sinistra dos gastos e desperdício do socialismo.

O 25 de Abril foi determinante enquanto revolução e para a implantação da democracia, mas a liberdade só foi definitiva e totalmente conquistada no 25 de Novembro de 1975, data essa que o Partido Chega celebra.

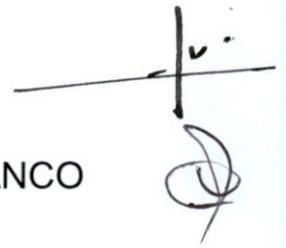
Bem-Haja

António Augusto Cabral Marques Fernandes (S-MI) - Ao comemorarmos o quadragésimo nono aniversário do 25 de abril importa referir, em primeiro lugar, que Liberdade e Democracia são temas demasiado importantes, e marcantes, para se desvalorizarem.

São temas que **não marcaram** a vida dos Portugueses durante quase 50 anos consecutivos. E, ainda hoje, **não estão** ao alcance de grande parte da humanidade.

Aqueles que nasceram e foram criados em Portugal em liberdade e democracia, jamais poderão desvalorizar os direitos alcançados. Têm, inclusivamente, uma responsabilidade adicional e devem pugnar para que a geração seguinte sinta a democracia ainda com mais sentido e fulgor, e que ela seja efetiva para todos.

De facto, não podemos descansar e achar que tudo está garantido. Alguns sinais merecem a nossa preocupação. O populismo, a desinformação e a superficialidade com que algumas coisas são ditas **são três exemplos desses sinais**. Há assim que continuar o caminho. Mas acredito. **Acredito**,



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

efetivamente, na capacidade, na irreverência, na formação e na preparação dos mais jovens. Os mais jovens serão igualmente capazes. E, por isso, estou convicto que abril estará sempre presente nas próximas gerações.

A comemoração do quadragésimo nono aniversário do 25 de abril ocorre num contexto particularmente singular em Portugal, com conhecidos problemas **preocupantes e perturbantes** da desejável estabilidade social, e também política. Mas também num contexto particularmente dramático tanto para Portugal como para a Europa e o Mundo. A guerra que a Rússia desencadeou contra a Ucrânia constituiu, **e constitui**, uma gravíssima ameaça à segurança europeia e mundial. Mas as consequências da guerra vão muito além da questão da segurança. Uma delas é, desde logo, a séria e dolorosa ameaça à subsistência que muitos, e já são muitos, recentemente, passaram a sentir. Ou a ameaça à vida de progresso que todos, legitimamente, desejamos.

Vida de progresso para nós, para a nossa família, para os nossos amigos, para os nossos conhecidos, para aqueles que diariamente nos rodeiam, para os que são da nossa terra, para os portugueses, para os europeus. Eu diria.....vida de progresso para Todos.

Muitos portugueses, e, logicamente, muitos albicastrenses, sentem, todos os dias, e sem exceção, dificuldades imensas resultantes de uma inflação de que muitos já não tinham memória.

O aumento do custo de bens essenciais afeta todos. Mas como sabemos, os mais vulneráveis são os mais afetados. E são sempre os que mais sofrem.

Também a dificuldade de conseguir habitação digna a custos acessíveis é tremendamente mais sentida pelos mais desfavorecidos.

A revolução de abril trouxe democracia. **E a democracia, por conceito, não tapa os problemas. Não os abafa. Não os esconde. Não os oculta.**

Em democracia os problemas existem. **São, e devem ser, conhecidos.**

E as promessas também:

- Combater a sangria de jovens do concelho
- Requalificar e promover a zona antiga da cidade
- Valorizar e promover o património das aldeias
- Criar postos de trabalho no concelho
- Melhorar as infraestruturas nas aldeias, como a rede de postos de multibanco ou acesso robusto à internet
- Criar habitação



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

- Tornar a cidade e as aldeias mais atrativas
- Melhorar a atividade económica do concelho
- Construir residências para estudantes do ensino superior
- Aumentar o turismo no concelho
- Fazer novas obras e manter o património
- Promover a sustentabilidade energética dos edifícios públicos
- Requalificar infraestruturas e equipamentos
- Apoiar as famílias
- Apoiar as empresas

Conhecemos as promessas....

Difícil são mesmo os resultados....

Comemorar o 25 de abril exige de cada um de nós uma grande abertura.

Ser “abril” é não sanear, tentar calar e por de parte os que pensam diferente ou defendem outras opções. Ser “abril” é não traçar **previamente** linhas vermelhas. Ser “abril” é ser capaz de aceitar todos os que querem participar na construção de um renovado Castelo Branco. Um concelho mais próspero, mais desenvolvido, mais vivo, mais justo, mais coeso, com mais identidade, mas com igual dose de civismo, tolerância, integração, liberdade, multiculturalidade, abertura, pluralismo, aceitação da diferença e esperança. São conceitos complementares. Não são opostos. Compreender esta visão é compreender abril. Promover esta abordagem é ser abril. Sejamos todos, e sempre, abril.

A luta pela liberdade e pela democracia foi sempre uma luta pela elevação das condições de vida. Abril exige que sejamos sempre capazes de assumir uma política consequente, emancipada, independente e verdadeiramente democrática. O poder local, enquanto importante conquista de abril, deve respeitar, e vincar, as diferenças e a proporcionalidade eleitoral democrática.

Termino lendo um pequeno apontamento, de duas frases, designado de “Gente”, de Marina Mara, exposto num póster na biblioteca nacional em Brasília, que li naquele local, no início de março deste ano e que me fez lembrar a minha, a nossa gente.

GENTE

“Gosto de gente mansa mas que vira bicho por um ideal



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

Gosto de gente que gosta de gente e ponto final”

Também nós, gostamos de gente que gosta de gente.

Viva a gente albicastrense

Viva Castelo Branco

Viva o 25 de abril

Muito obrigado.

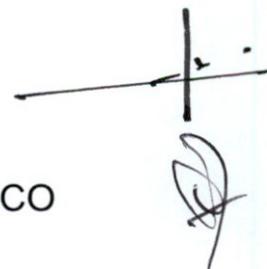
Carla Sofia Massano Lopes de Carvalho (PS) – Cabe-me nesta sessão solene, neste dia de celebração dos 49 anos de Portugal livre de mordanças, de poder publicamente neste órgão da Assembleia Municipal, que abril me permitiu ser eleita como representante do povo, a intervenção em nome do PS, o que muito me honra.

1 ano e 6 dias separam os aniversários do PS fundado por Mário Soares dos aniversários do 25 de abril. Não podia intervir sobre a data da revolução, sem destacar Mário Soares, que foi para mim um inspirador, na defesa dos valores humanistas, da liberdade, da igualdade, da fraternidade. Como alguém disse, a vida de Mário Soares confunde-se com a história do PS e com a história do país e se O 25 de abril aconteceu, não foi só por causa de Mário Soares, mas não teria acontecido sem Mário soares.

Nesta data, milhares de pessoas saíram à rua a gritar “Morte ao fascismo!” No Quartel do Carmo, o Governo liderado por Marcelllo Caetano foi cercado; as portas das prisões de Caxias e Peniche abriram-se para saírem todos os presos políticos; a PIDE/DGS, a polícia política, que durante 29 anos prendeu, torturou, matou, escutou, espiou, condenou sem razão, humilhou, submeteu à mais infame limitação as liberdades de um Povo em desespero, foi desmantelada.

Lembrar para não esquecermos, que junto à fronteira Espanhola o Gen. Humberto Delgado foi assassinado pela PIDE, por delito de opinião, por ter tido a ousadia de enfrentar uma ditadura, que coartou liberdades, reprimiu pensamentos, oprimiu cidadãos, montou repugnantes modelos de inibição dos direitos e liberdade.

Para os democratas não é difícil perceber que uma das características das fotografias da revolução de abril é que nelas as pessoas estão sempre a sorrir. Não por acaso, Chico Buarque cantou: “Sei que estás em festa, pá”.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

Festa, que ainda ontem se cumpriu, com Chico Buarque a ser homenageado no nosso Portugal livre com o premio Camões, apesar do atraso de 4 anos, porque o ex-presidente Bolsonaro, outra figura deste mundo inimiga da liberdade, se tinha recusado a assinar a distinção.

Depois de 48 anos de ditadura, a revolução democrática viveu as suas primeiras eleições a 25 de abril de 1975, com uma taxa de participação superior a 90% – celebra-se o direito ao voto e o sufrágio universal.

Celebrar a Revolução de Abril é celebrar a Liberdade.

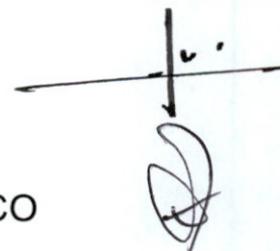
Presidente da Câmara Municipal (Leopoldo Martins Rodrigues) - Quando, na madrugada deste dia há 49 anos ecoava o Grândola Vila Morena no programa Limite da Rádio Renascença, lançava-se, pela voz de Zeca Afonso, o mote para a restituir ao povo a sua soberania.

Ao recordarmos os eventos históricos dessa derradeira noite de 25 de abril de 1974 e o desenrolar das décadas seguintes, temos não só o poder, mas também a obrigação de manter viva a mais bonita história de um povo que sobre a sombra da opressão, do medo e da intolerância soube reinventar o seu destino, tingindo-o com o vermelho dos cravos e nunca mais com o sangue dos seus iguais.

Decorrido quase meio século dessa viragem de página, é importante recordarmos esse passado, mas é sobretudo essencial sabermos aliá-lo à leitura do presente e à construção do futuro. A complexidade e a globalidade dos problemas que vivemos exige-o de nós e exige-o também o povo que em nós confiou a importante tarefa de o representar.

Se abril nos libertou de uma guerra colonialista sem sentido, importa lembrar que agora mesmo, neste mesmo continente, um povo luta pela sua soberania, contra a invasão ilegal do seu território e pela manutenção da sua democracia. Se na década de 70 jamais imagináramos as consequências catastróficas de uma economia baseada no uso de combustíveis fósseis é hoje imprescindível que estejamos unidos na luta contra as alterações climáticas.

Se a luta pela democracia se fez a custo de tantos e tantas, lembrar-nos-emos que um pouco por toda a Europa, toda uma nova geração de movimentos extremistas ganham expressão nos diferentes órgãos políticos e que partidos democráticos lhes abrem as portas ao ato da governação. Valorizar abril é também lutar intransigentemente hoje contra esses que ameaçam a democracia, dos que se aproveitam das suas fraquezas, espalham desinformação e colocam em risco a cooperação da nossa vida em comunidade.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

Mas é também hoje dia para Castelo Branco festejar. Volvidas quase cinco décadas de democracia, somos hoje um concelho voltado para o mundo, com escolas e um politécnico que nos orgulham, com empresas que dinamizam a nossa economia, com infraestruturas de excelência e serviços de saúde que mesmo nos momentos mais difíceis souberam dar resposta às necessidades dos albicastrenses. É através de uma oferta cultural e desportiva plena e diversificada, de uma gastronomia invejável e de uma hospitalidade que nos caracteriza, que gostamos de abrir as nossas portas a todos os que nos queiram visitar, àqueles que aqui encontrarem, como nós, um sítio para serem felizes.

Senhor Presidente da Assembleia, minhas senhoras e meus senhores.

O atual executivo tomou posse dia 15 de outubro de 2021, ou seja, há um ano e seis meses.

Durante a campanha eleitoral autárquica propusemos dar um Novo Impulso a Castelo Branco assente num conjunto de compromissos que estamos a concretizar.

Assumimos devolver gradualmente às famílias albicastrenses o valor do IRS afeto à autarquia. Em 2023 devolveremos 3% desse valor, até ao final do mandato chegaremos aos 4%.

Assumimos construir um novo Centro de Saúde em Alcains, em breve lançaremos o concurso para a execução da obra.

Verificámos a necessidade de construir uma nova Unidade de Saúde Familiar em Castelo Branco, o projeto está concluído, assim que tenhamos o parecer da ARS Centro lançaremos a obra.

Comprometemo-nos a localizar na zona histórica novos serviços, temos pronto o projeto para a construção do Centro de Estudos Gastronómicos/Escola de Chefes que dotará a cidade, o concelho e a região de um espaço de excelência para a formação de profissionais ligados à hotelaria e restauração.

Assumimos o compromisso de candidatar Castelo Branco à rede de Cidades Criativas da UNESCO, temos em desenvolvimento uma candidatura forte e consistente cuja comissão de honra é presidida pelo General Ramalho Eanes. Essa candidatura afirma e projeta o mais nobre dos nossos artesanatos, o Bordado de Castelo Branco.

Assumimos que pretendíamos dar uma nova centralidade e maior capacidade de influência de Castelo Branco e garantimos o compromisso do governo em construir o IC31 em perfil de



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

autoestrada. Lutámos por um reforço dos serviços públicos em Castelo Branco, o Governo deliberou há poucos criar na nossa cidade o novo Tribunal Central Administrativo do Centro.

Mas, Sr. Presidente, minhas senhoras e meus senhores, não devemos, nem podemos mesmo, cruzar os braços quando ainda há tanto para fazer. Temos hoje de repensar a nossa cidade, vilas e aldeias, preparando-as para o futuro e para os seus desafios, tornando-as cada vez melhores para viver e trabalhar. Temos de atrair empresas que aqui criem valor e investir, nos funcionários públicos e na sua formação. Ainda mais, temos de dar meios às nossas freguesias e associações para que consigam desenvolver a importante atividade que dá vida ao nosso concelho. Foi precisamente com esse objetivo, de reforçar o papel das freguesias e das nossas instituições sem fins lucrativos, que no ano de 2022 reforçámos, relativamente a 2021, as transferências para as freguesias em mais 443.217,00 euros, sendo que para as instituições sem fins lucrativos esse reforço foi de 279.180,00 euros. Estamos desta forma a reforçar a coesão do nosso território.

Minhas senhoras e meus senhores.

Temos de criar as condições necessárias para atrair pessoas e dar aos jovens razões para aqui se fixarem ou aqui regressarem quando desejarem. É para criar essas condições que estamos a desenvolver o projeto da Escola a Tempo Inteiro que envolve 67 profissionais de educação e permite que as crianças que frequentam o ensino pré-escolar e o primeiro ciclo do ensino básico desenvolvam atividades diversificadas e sejam acompanhadas na escola por técnicos qualificados entre as 8h00 e as 18h30, incluindo a hora de almoço.

É também a pensar nas famílias jovens e na sua fixação no concelho que assumimos o pagamento das refeições escolares aos alunos que frequentam o ensino pré-escolar e o primeiro ciclo. É ainda a pensar nas jovens famílias que coparticipamos as despesas com as creches dos seus filhos em 150,00 euros mensais.

É ainda a pensar nos mais jovens criámos um espaço para estudar e trabalhar, que funciona 24 horas por dia 365 dias por ano. Estou a falar do Study and Work Center, inaugurado no passado dia 20, a funcionar mesmo aqui ao lado, no antigo cibercentro.

Como atrás referimos estas são medidas que têm um objetivo claro. Fixar e atrair população jovem, fomentar a natalidade. Aos mais jovens dizemos: as vossas famílias e a vossa terra esperam-vos e contam convosco para avançar.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

Para nos prepararmos para o futuro, é preciso mesmo investirmos nas pessoas e criarmos todas as condições para que aqui possam concretizar os seus sonhos.

Cabe-nos garantir que o direito de todos terem acesso a uma habitação digna seja efetivo, para isso contamos aprovar, em breve, a Estratégia Local de Habitação.

Cabe-nos também garantir que nas torneiras dessas habitações a água nunca pare de correr, independentemente dos anos de seca que no futuro dificilmente conseguiremos evitar e para isso estamos a trabalhar para construir a Barragem do Barbaído.

Cabe-nos cada vez mais transformar as nossas ruas, devolvê-las às pessoas, aumentar o número de bicicletas e de transportes públicos em resposta à progressiva redução de carros e para isso implementámos um novo sistema de transporte público, o MOBICAB onde se insere o transporte flexível, projeto pioneiro e inovador na nossa região, que promove a coesão territorial e dá resposta às pessoas que vivem nas localidades mais pequenas onde o transporte público de passageiros não passa por não ser rentável.

Senhor presidente, minhas senhoras e meus senhores,

É essencial garantirmos que nos mantemos conectados com o resto do mundo, quer a nível infraestrutural ou quer ao nível da cooperação social, educacional ou económica.

Se abril nos deu oportunidades, a maior delas foi a possibilidade de qualquer um de nós nesta sessão solene, independentemente de onde venha, tenha algo a dizer quanto ao nosso destino comum.

Da minha parte, só posso agradecer àqueles que nessa madrugada marcharam para nos dar a oportunidade de levarmos Castelo Branco a ser tudo aquilo que pode ser, e de fazê-lo em conjunto, com os contributos de cada um de nós.

E se há algo que posso desejar para mais 49 anos é que jamais, em circunstância alguma, volte a bater a sombra do obscurantismo, neste canteiro onde um dia se plantou um cravo!

Viva a democracia,

Viva Castelo Branco,

Viva Portugal!



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

CONCLUSÃO DA ATA

E, não havendo mais assuntos a tratar, foi pelo Presidente da Mesa encerrada a sessão, eram 11 horas 40 minutos, mandando que de tudo, para constar, se lavrasse a respetiva ata.

O Presidente da Assembleia Municipal,

O 1.º Secretário,